

O LUGAR DO JORNALISTA NA COBERTURA DOS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 SOB O OLHAR DO OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA E DO PROFISSÃO REPÓRTER

Caio Cardoso de Queiroz¹

Iluska Maria da Silva Coutinho²

RESUMO:

As manifestações de junho de 2013 no Brasil tomaram conta das ruas de diversas cidades e acabaram se voltando também contra as empresas de jornalismo e seus profissionais, recusando a cobertura que a mídia vinha fazendo até então desses fatos. Na esteira destes acontecimentos, tendo como pano de fundo as discussões sobre a identidade, o *ethos* da função dos jornalistas, procura-se analisar como dois programas televisivos diversos abordaram as manifestações enquanto elas ainda aconteciam. Tanto o Profissão Repórter quanto o Observatório da Imprensa lançaram seus olhares para os fatos buscando uma discussão acerca de qual é o lugar do jornalista na produção de notícias. Procura-se entender quais são as considerações que eles elaboram para justificar e estruturar seu trabalho enquanto agente social relevante.

Palavras-Chave: *protestos de rua; jornalismo; ética e ethos jornalísticos.*

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. caiocardosode@yahoo.com.br

² Orientadora do trabalho, jornalista formada pela Universidade Federal do Espírito Santo (1993), mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Brasília (1999) e doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2003), com estágio doutoral na Columbia University (NY). Atualmente é professora adjunto IV da Universidade Federal de Juiz de Fora.

“O Gigante Acordou”

Poucas características em comum poderiam caracterizar os protestos de rua que do mês de junho de 2013 em diversas cidades no Brasil, exceto o destacado pela imprensa, como uma organização sem líderes, a maneira rápida como se espalharam tendo como ferramentas as redes sociais e uma pauta ampla (e diversa) de reivindicações. Jornalistas de diversos veículos e meios de informação relataram, nos programas analisados, não saber como agir, nem encontravam pautas para discutir e analisar. Com isso, a cobertura evoluiu da ação policial para um acompanhamento dos acontecimentos de forma mais próxima possível do tempo real.

De forma geral, o perfil dos manifestantes era de jovens gritando que “O gigante acordou”, numa referência a uma campanha publicitária da marca de bebidas Johnny Walker, onde o gigante da Baía de Guanabara acordava, simbolizando o país em movimento cantado também no hino nacional brasileiro. Os jovens também repetiam os bordões do jingle da FIAT para a Copa das Confederações que chamava todos para a rua e repetiam “vem pra rua”. Com características tão fluídas guiando as principais causas das manifestações, a cobertura jornalística foi alvo de críticas generalizadas, primeiro por aderir a uma lógica automática de cobertura das ações policiais e, depois, por não conseguir analisar em profundidade os acontecimentos.

A recusa às bandeiras partidárias e aos movimentos sociais já estabelecidos - na maior parte das manifestações pelo país - foram acompanhadas também de uma negação constante e gradativamente maior à presença de membros da imprensa na cobertura dos protestos. Jornalistas de diversos jornais, portais e emissoras foram hostilizados nas ruas, acusados de distorcer os fatos e manipulá-los a favor das empresas. Sob risco de agressão em pleno exercício de sua função profissional, alguns desses jornalistas passaram a trabalhar sem identificação de imprensa, inseridos nas multidões e acompanhados por seguranças à paisana.

Dados os fatos, podemos questionar: qual é o lugar do jornalismo nesta sociedade? Ou ainda qual é o lugar que o jornalista em sua prática profissional ocupa na produção destas informações e como eles evidenciam sua rotina de produção nos materiais veiculados? Nossa análise parte, aqui, de uma noção do papel social do jornalismo enquanto atividade de responsabilidade social relevante e praticada também por cidadãos. A base de atuação dos jornalistas é atravessada por diversos conflitos de ordem moral e ética que determinam, de

alguma forma, a identidade deste profissional. Utilizamos-nos das obras de Claudio Abramo (1988), Ricardo Noblat (2005), e Mayra Rodrigues Gomes (2003) na busca por realizar da maneira mais efetiva possível o mapeamento dessas características éticas/morais.

A ética jornalística pode ser apresentada, segundo Mayra Rodrigues Gomes (2002), como um conjunto de valores mapeados num amplo espectro de rotina produtiva do jornalismo e de sua inserção/impacto social. A partir dessa perspectiva, podemos analisar como esses problemas constituem-se parte do discurso jornalístico de autoria de profissionais referências na produção jornalística e também na reflexão crítica que é feita sobre este trabalho.

Ética e *ethos*: A identidade dos jornalistas em suas ações cotidianas.

No destes questionamentos acerca das construções em torno da identidade profissional do jornalista e de qual é o seu lugar nas coberturas, temos como um norte das análises os trabalhos que buscam compreender a função jornalística em suas mais diversas expressões. No limite, tomamos como objetos empíricos de análise dois programas de televisão distintos, porém ligados pela reflexão explícita sobre o fazer jornalístico: O Observatório da Imprensa e o Profissão Repórter, veiculados pela TV Brasil e TV Globo, respectivamente. Ambos os programas são semanais e procuram oferecer uma nova chave de leitura para o jornalismo por meio da larga experiência profissional de seus editores/ apresentadores.

O Observatório da Imprensa, em sua versão televisiva, está no ar na rede de emissoras públicas como um programa semanal desde 1998. O projeto é desenvolvido pelo Instituto para o desenvolvimento do Jornalismo - Projor e tem na figura de Alberto Dines seu principal editor. Dines é lembrado por Claudio Abramo como um dos jornalistas de renome entre os grandes meios como Jornal do Brasil, Folha de São Paulo e Editora Abril³. O programa que foi ao ar no dia 25 de junho de 2013 tinha como tema “A mídia nas manifestações” e propôs discussões variadas que tinham como fatos relevantes os acontecimentos políticos do país naquele momento, mas que traziam a reflexão para o campo da atuação jornalística.

³ Dines recebeu, em 1970, o prêmio Cabot de jornalismo. Em 1993 ele ganha o prêmio Jabuti na categoria Estudos Literários e em 2007, o *Austrian Holocaust Memorial Award*. Em 2009 é premiado com o *Austrian Golden Decoration for Science and Art*, e em 2010 a *Ordem do Mérito das Comunicações*, no grau Grã-Cruz.

Além deste, analisamos também o Profissão Repórter. Criado em 2006, o programa surgiu como quadro do Fantástico, da TV Globo. Em 2008 o programa ganhou horário fixo na grade da emissora e busca trazer não somente os fatos a quem assiste ao programa (através da múltipla abordagem de um mesmo tema por várias equipes), mas também todo o caminho e as dificuldades de jovens profissionais na atuação em casos específicos e complexos. No programa, o repórter experiente, Barcellos, orienta os jovens jornalistas durante a execução das matérias, mostrando erros e acertos no trabalho, com uma postura professoral.

Profissão Repórter apresenta uma lógica de aprender-fazendo que traz à tona algumas discussões éticas relevantes a todas as pessoas, incluindo aí o universo jornalístico principalmente. O formato, que evidencia a rotina dos repórteres, atrai um público jovem, antes pouco interessado em material jornalístico televisivo em geral.

Barcellos tem seu trabalho marcado pela recorrência de preocupações sociais e pela defesa dos Direitos Humanos, sendo um sucesso reconhecido pelo público em geral e pelos pares. Em 1993 publica o livro-reportagem 'Rota 66', descrevendo a história das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA), um esquadrão da PM paulista que atuou entre as décadas de 70 e 90 com práticas de tortura e perseguição de suspeitos. Com este livro, o jornalista foi premiado com o Premio Jabuti de melhor livro de não-ficção do ano. Em 2004 voltou a ganhar o Premio Jabuti pelo livro 'Abusado – o Dono do Morro Dona Marta', que narra a história de Juliano VP, codinome usado no livro para falar de Marcinho VP, um conhecido traficante carioca. Caco Barcellos acaba mostrando, em seu programa do dia 18 de junho, que também está sujeito às críticas direcionadas a seu veículo e expõe de maneira clara e direta este questionamento.

Ao tratar da discussão sobre a ética profissional e colocar claramente um lugar de ação para estes profissionais, em perspectiva com o veículo para o qual trabalha, Abramo (1988, p, 109) ressalta que "A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão, é ruim para o jornalista", partindo desta lógica, a conclusão mais imediata trata o jornalismo essencialmente como um serviço cujo caráter central é o interesse público. Abramo (1988) também destaca, no entanto, que "evidentemente, a empresa tem a sua ética, que é a dos donos. Pode variar de jornal para jornal, mas o que os jornalistas deveriam exigir seria um tratamento mais ético da empresa com relação a eles e a seus colegas" (Abramo, 1988, p.109).

Em razão deste funcionamento dúbio da lógica de ações do jornalismo na relação dos profissionais, ao trabalhar com interesses múltiplos da empresa e também de sua função social, que as discussões sobre ética podem ser vistas como variáveis importantes a influir diretamente

na constituição do que se entende como a identidade desses profissionais. O *ethos* profissional, o abrigo no qual todos os jornalistas se incluem é atravessado, em boa parte, pelas discussões acerca de independência, objetividade e imparcialidade em relação a diversos atores sociais, incluindo as próprias empresas para as quais trabalham.

Traquina (2002) pensa este *ethos* jornalístico atualmente por meio de um argumento segundo o qual este jornalismo praticado é o próprio veículo de comunicação no qual ele se veicula, para equipar os cidadãos com instrumentos vitais para o exercício dos seus direitos e a expressão de suas preocupações. Assim, é por meio da ação, da aplicação de preceitos de “interesse público” e ações corretas que os jornalistas desenhariam algumas das principais características de sua identidade profissional.

Phillip Meyer (1991) em sua obra ‘A ética no jornalismo’, argumenta que há pelo menos duas formas de códigos de ética atuando de maneira conjunta na formação do *ethos* profissional dos jornalistas. Ele destaca que se, por um lado, a utilização dos códigos expressos traz consigo uma consolidação das formas ideais, daquilo que os jornalistas pensam ser a melhor forma de ação, por outro lado há também a existência de um código “oculto”, mais ligado à consciência de atuação dos jornalistas, sendo ele mais intuitivo e mais forte como guia nas ações para solucionar dilemas. A definição de linhas-guia de pensamento e elaboração de modos de agir segundo os quais os jornalistas teriam, então, a capacidade de estruturar não somente as suas ações, mas também consolidar suas características de atuação frente a sociedade ou público de interesse.

Todas estas características estão ressaltadas por Michael Schudson, em ‘Discovering the news’ como características que respondem à crença da objetividade jornalística. Ele ressalta que esta crença, como em outras profissões, não é somente uma questão sobre o tipo de conhecimento produzido, sobre a necessidade de o jornalismo produzir um saber com precisão científica e confiável. Para ele, esta objetividade pode se tornar também uma filosofia moral, uma declaração sobre que tipo de pensamento pode se engajar ali quando as decisões morais são tomadas na prática jornalística. Isto tudo se coloca de maneira integrada, formando um conjunto de discussões éticas das ações dos profissionais.

Olhando a partir dessa perspectiva, na qual o jornalismo se confunde com o veículo, temos que as práticas jornalísticas se ligam muito fortemente às práticas da empresa para a qual ele trabalha, por mais que esta empresa se coloque como guardiã e fiscalizadora dos direitos do seu público. Em alguma medida, nos aproximamos das conclusões feitas em trabalho anterior

sobre os códigos de ética que regem a prática profissional dos jornalistas, (Queiroz; Coutinho, 2012) em que se considera que os códigos mais ligados às categorias profissionais têm sua intenção mais colocada em torno de uma preocupação com os profissionais de jornalismo, enquanto outros têm visão empresarial mais evidenciada. Os conflitos entre estes códigos não ficam expressos claramente, mas são percebidos pelas ausências, isso é a partir do que cada código opta ou não por dizer devido à sua matriz. O silenciado em alguns e expresso em outros acaba por demonstrar de maneira evidente quais são as intencionalidades colocadas por trás dos códigos.

Porém, qual será o posicionamento desta empresa ou mesmo dos profissionais a partir do momento em que o público demonstra que não se sente representado pela cobertura jornalística por ele proposta? Qual é o local de fala exercido pelo jornalista na construção desta mensagem e deste veículo? Voltamos, então, nossa análise para as formas explicitadas, tanto no Observatório da Imprensa quanto no Profissão Repórter, como possíveis respostas a estes questionamentos.

Observatório da Imprensa - Você nunca mais vai ler jornal da mesma forma

O programa veiculado no dia 25 de junho de 2013 tinha como centro da discussão a participação da mídia na cobertura das manifestações. Logo o editorial de abertura do programa, na voz de Alberto Dines, há uma citação direta à atuação da mídia:

Nesta quinzena de perplexidades, a mídia foi uma das instituições mais atordoadas: quando o governador paulista e o prefeito paulistano em uníssono designaram os manifestantes como vândalos, a mídia não teve dúvidas, foi atrás, a PM também e quando acabou a batalha entre canibais e antropófagos - no dizer de Elio Gaspari - descobriu-se que as maiores vítimas das balas de borracha foram os repórteres. (Dines, 2013)

O editor-chefe do Observatório da Imprensa segue seu editorial destacando o volume / as proporções da cobertura jornalística dos protestos, em especial a presença da mídia eletrônica (TV, rádio e Internet) no país inteiro, em tempo real. Destaca-se também no editorial a distância que esses veículos/jornalistas tomaram do fato em si, narrando-os do alto e nunca

em meio às manifestações. Dines (2013) termina seu editorial afirmando que “Este capítulo da nossa história ainda não foi batizado. A imprensa logo o entenderá e lhe dará um nome”.

O programa começa com um VT, com imagens das manifestações em todo o Brasil e a narração do repórter David Tapajós. A imprensa está, segundo Tapajós, “atônita” diante dos protestos, posição colocada em perspectiva com os depoimentos de diversos editores de jornais do Brasil. Ascânio Seleme, chefe de redação de O Globo diz que a cobertura não mudou, mas “evoluiu, com o andar das manifestações”. Ainda segundo o editor, com o crescimento do volume e das causas das manifestações, a imprensa teria também aumentado o espaço e enfoque, sem que identifique uma mudança do tom das coberturas.

Entrevistada na matéria, a professora Sylvia Moretzsohn aponta que a grande imprensa começou sua cobertura de modo alinhado ao pensamento das autoridades, de modo taxativo contrário aos manifestantes, posição que não foi mantida. Ela citou também os grandes meios e lembrou dos editoriais da Folha e do Estadão, que pediam mais rigor no combate às manifestações, “[...] e de fato eles agiram. E agiram de uma forma tão violenta que ganhou imprensa internacional e os jornais voltaram atrás e fizeram uma autocrítica disso”. Observa-se, na perspectiva da pesquisadora, uma certa alteração da tomada de rumo desta cobertura.

Ainda no mesmo VT, Sylvia Moretzsohn destaca que as mídias sociais foram as grandes mobilizadoras dos protestos, mas que padecem de uma grande falta de credibilidade e são espaços mais abertos à disseminação de boatos e informações falsas. Podemos perceber, então, a necessidade da mediação jornalística enquanto processo legitimador de checagem de informações que dá confiabilidade, credibilidade à mensagem transmitida.

O editor-chefe do jornal Zero -Hora do Rio Grande do Sul argumenta que houve uma série de fatos que complicaram a cobertura. Ele destaca o papel do jornalista como mediador da mensagem que deve chegar ao público e promover as discussões que são decorrentes dela. Segundo o editor “a gente tem que entender que existe um novo movimento, não se retrair diante de eventuais ameaças, não glamurizar e não criminalizar o movimento. É entender o movimento e fazer jornalismo. Esse é o nosso desafio a partir de agora.” Este “fazer jornalismo” é exatamente o processo de mediação e responsabilidade social que o jornalismo busca construir como seu lugar de fala.

Após o VT, participam do debate - em estúdio - o colunista do jornal O Globo, Pedro Dória, o jornalista da ESPN Brasil, Lúcio de Castro, e a jornalista e Cientista política Alessandra Aldé. Dória inicia sua participação no programa ressaltando este lugar consolidado

do jornalismo como oposição a um poder público corrupto e que comete “desaforos” ao dizer que havia, nos jornalistas e na imprensa, uma sensação de incômodo com a imobilidade de setores sociais que não protestavam por seus direitos. É o reforço desta posição de poder alternativo e fiscalizador do poder público, mas que abre mão da característica de ser capaz de mobilizar esta opinião pública.

Lúcio de Castro, que é repórter de jornalismo esportivo, argumenta que a cobertura da imprensa foi negligente na cobertura destes “desaforos”, que seriam desvios de recursos (por parte de políticos) e de como a dimensão do futebol enquanto festa negligenciou o aparecimento de denúncias em prol da Copa do Mundo. Ele destaca que os corpos editoriais se retiraram da obrigação, também nos cadernos de Esportes, de cobrir fatos de relevância social comprovada, em função de um crescimento da cobertura de entretenimento, nesta área.

Durante todo o programa as questões são colocadas em suas relações com o papel do jornalista nas coberturas, de uma maneira que a função do veículo seja fundida com a do profissional, sendo ressaltado como o mesmo. Destaca-se também questões relativas às violências, não somente a policial, mas também aquela praticada pelos manifestantes, contra os jornalistas. Como exemplos são citadas ocorrências nas quais carros da Rede Record foram queimados e a necessidade de que repórteres da TV Globo se mantivessem cobrindo os acontecimentos das ruas em helicópteros. Dines argumenta que “São pessoas que são pagas e estão ali pra fazer o seu trabalho”, com a função de dar visibilidade às manifestações e se consolidar como espaço de voz aos manifestantes.

Profissão Repórter: Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem...

No programa Profissão Repórter, veiculado dias antes do Observatório (18 de junho), o jornalista Caco Barcellos e sua equipe de repórteres procuram abordar as manifestações de rua que se espalharam pelo país no dia anterior. Abordando fatos de maneira mais instantânea possível para um programa semanal, os protestos ainda estavam totalmente inseridos na rotina do público, uma vez que as manifestações estavam em pleno curso. A intenção expressamente apresentada pelos jornalistas é a se entender todos os lados envolvidos nos protestos.

O programa começa com um momento marcante para o telespectador, com uma demonstração de hostilidade dos manifestantes em uma recusa à imprensa, em especial a Rede Globo, na cobertura dos fatos. Este momento é emblemático, pois a rejeição à empresa para a qual ele trabalha (as organizações Globo) poderia ser acompanhada de uma ressalva atribuída a um discurso de autoridade de Barcellos com relação aos outros jornalistas.

Ele tem seu lugar de destaque evidenciado até mesmo quando a chamada do programa diz que “Caco Barcellos e sua equipe vão mostrar os bastidores da notícia e os desafios da reportagem”. Nesta edição, dado o caráter urgente do acompanhamento de fatos quase em tempo real, há grande volume de conteúdo noticioso “quente” e uma redução dos aconselhamentos e ponderações do editor junto aos seus repórteres. Importante notar, também, que as inserções de Barcellos, diferente de todo o conteúdo veiculado pela empresa naqueles dias, vinham com a identificação da Rede Globo no microfone.

O lugar de fala que Caco Barcellos (2013) traz pra si, durante todo o tempo, é aquele do repórter que tem uma função a cumprir e que “não será uma tentativa somente que demoverá este dever”. Ele faz isso primeiro pela postura de manter se identificando como repórter da Rede Globo (até porque ele seria reconhecido pelas pessoas) enquanto os outros repórteres, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, usam câmeras portáteis, sem microfone, ou o usam sem a identificação como medida de segurança e dão sempre uma impressão de agilidade e inserção do jornalista ao acontecimento.

O aspecto do dever a ser cumprido se mostra de modo mais explícito quando se expõem as condições de apuração, na qual Barcellos tenta se mostrar o mais aberto possível ao diálogo em diferentes frentes com diferentes personagens. Além disso, foi ao ar também um trecho onde o jornalista alega que somente deixou de trabalhar em virtude da censura da ditadura militar e que aquela apuração deveria ser feita.

Critérios a respeito de identificação do jornalista ficaram submetidos à situação de apuração ágil que era imposta a essa edição do programa. Com uma característica diferente àquela presente nos demais episódios do programa, neste caso não houve tempo para o processo de edição e discussão dos processos de produção jornalística devido ao curto espaço de tempo entre os fatos e a veiculação do programa. Daí guardamos as principais diferenças entre as edições anteriores do Profissão Repórter, objeto de análises anteriores, e a que tomamos como recorte no presente artigo.

Esta edição do programa deixa sua interpretação sobre todos os protestos em aberto e se limitou a transmitir os fatos, dados, reivindicações de todos os tipos, além de ter dado espaço a uma certa demonstração dos sentimentos ali mobilizados. Uma das repórteres tentava deixar claro que as pessoas somente estavam esperançosas e, logo depois, narra a ação da Polícia Militar do Rio de Janeiro como algo truculento. O programa foi acompanhado durante todo o tempo pelas narrações em *off* de Barcellos, de modo que ele deu o ritmo às matérias. Nesta noite, o profissão Repórter foi finalizado com uma dessas narrações do jornalista em que ele descrevia atos de depredação da Prefeitura de São Paulo que haviam ocorrido no início daquela noite.

Afinal, qual é o lugar que estes jornalistas trazem pra si?

Lembrando de maneira muito próxima as reflexões feitas por Schudson (1981) a respeito de a credibilidade ser uma necessidade inerente à construção jornalística, o lugar de fala dos jornalistas e programas aqui analisados buscam sua autoridade no discurso do jornalismo de serviço social. O papel da mediação entre os acontecimentos e o público é ressaltado durante todo o tempo, seja como instância também interpretativa ou sob a alegação de ser somente uma transmissora de dados.

Neste panorama de manifestações e protestos que colocam em questão todos os lugares de autoridade, a autoridade de fala que o jornalismo normalmente toma para si como missão e objetivos passa a ser tida também como uma instância manipuladora e maldosa com relação ao interesse público dos protestos. O contrato social firmado entre jornalismo e sociedade - dos jornalistas e das empresas de informação para com os cidadãos - foi colocado em cheque, de modo a se desconfiar de todos os processos que de alguma forma tivessem atravessado as instâncias de produção de notícia.

No entanto, a exibição de momentos diversos nos quais o público, sendo representado pelos manifestantes, recusa mesmo a presença destes profissionais é digno de destaque por representar uma recusa ao jornalismo como instrumento da mídia de uma forma geral. Retomando aquele cenário no qual a ética profissional se liga de forma muito próxima à ética da empresa para a qual se trabalha e o produto se torna cada vez mais próximo do meio que o veicula, a recusa às empresas e aos profissionais talvez tenha sido o momento mais claramente contrário ao jornalismo enquanto observador da realidade.

É neste momento, então, que se expõem dois tipos básicos de argumentos em torno da prática jornalística: primeiramente aquele mais evidente de que os jornalistas devem ter sua profissão respeitada, uma vez que são guiados por códigos e condutas éticas pertencentes às pessoas comuns, interessadas no Bem Público. O segundo argumento é aquele de que a mídia tradicional ainda mantém seu poder de voz/articulação, o que faz com que ela seja a principal e mais potente forma de explicação dos movimentos, das suas causas e do retorno que estas manifestações podem produzir. Porém este argumento é retomado de maneira perceptível, ainda que de forma subjacente, em uma crítica feita às organizações de comunicação, especialmente presente em redes sociais, pois o que se questiona é o valor central dos dados apresentados pelas empresas, ponto importantíssimo na construção do jornalismo: a credibilidade.

O jornalista busca, portanto, o estabelecimento do seu lugar de fala como um lugar de autoridade por credibilidade, dentre vários outros aspectos. Esta reivindicação é baseada principalmente na necessidade de checagem de informações por meio de processos profissionais específicos do jornalismo, mais confiáveis do que àqueles do ambiente de rede, que têm outro funcionamento.

As manifestações de rua do mês de julho demonstraram, em geral, uma contestação a todas as formas de instituições consolidadas e o jornalismo, como parte dessa sociedade estabelecida passou também por seu processo de negação dos protestos. Até certo ponto essa contestação pode ser encarada como um questionamento do lugar do jornalista que habitualmente descreve suas boas ações como pautadas na rua. Enquanto isso, o movimento que surgiu de modo espontâneo e chamava as pessoas para o ambiente coletivo da rua não chamava as instituições, somente as pessoas e nem mesmo o jornalismo, que se diz natural daquele espaço, era visto no rol de convocados.

Referências

ABRAMO, C. **A regra do jogo: O jornalismo e a ética do marceneiro.** São Paulo: Companhia das Letras

ARBEX JÚNIOR, J. **Showrnalismo: A notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BARROS FILHO, C.; MARTINO, L. **O *habitus* na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BERTRAND, C.. **A deontologia das mídias**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: Edusc, 1999.

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BUCCI, E.. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CÓDIGO de ética dos jornalistas Brasileiros. Vitória: Fenaj, 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> . Acesso em 22/10/2013.

COUTINHO, I. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV**. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

COUTINHO, I.. **Dramaturgia no telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora - MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

DALMONTE, E. É preciso ordenar a comunicação? Questionamentos acerca da necessidade de instâncias mediadoras entre a mídia e o público. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 8, n. 1, 2011, p. 21-39. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v8n1p21/0>>. Acesso em 08 maio 2013.

GUERRA, J.. **Transparência editorial: a credibilidade jornalística à luz dos sistemas de gestão da qualidade**. In: X Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2012, Curitiba - PR. Anais do X Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília - DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2012.

GOMES, M. R. **Ética e jornalismo**. São Paulo: Escrituras, 2002.

KARAM, F. J. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

MELO, J. M. ; SILVA, C. E. L. . **Perfis de Jornalistas**. São Paulo: FTD, 1991.

MEYER. P. **A ética no jornalismo: um guia para estudantes, profissionais e leitores**. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PACHECO, M.. **Michele Pacheco**. Entrevista concedida a Caio Cardoso de Queiroz. Juiz de Fora, 2013. Arquivo Digital (45 min.): estéreo.

PEREIRA, A. **Rota 66 em revista**: as resistências no discurso do livro-reportagem. Guarapuava PR: Unicentro, 2010.

SCHUDSON, M. **Discovering the news**: A Social History of American Newspapers. Nova Iorque: Basic Books, 1981.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, N.. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, I.. **O mundo dos jornalistas**. 4. Ed. revista. São Paulo: Summus, 2011.

Artigo recebido dia 07 de março de 2014 e aprovado dia 20 de abril de 2014.